

CIDADES

“ MIRE, VEJAS: O MAIS IMPORTANTE E BONITO, DO MUNDO, É ISSO: QUE AS PESSOAS NÃO ESTÃO SEMPRE IGUAIS, AINDA NÃO FORAM TERMINADAS — MAS QUE ELAS VÃO SEMPRE MUDANDO. AFINAM OU DESAFINAM. VERDADE MAIOR, É O QUE A VIDA ME ENSINOU. ISSO QUE ME ALEGRA, MONTÃO. ”

Riobaldo, personagem de Grandes Sertões: Veredas, o clássico de Guimarães Rosa

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Há os que afinam e os que desafinam ao tratar do cerrado — há quem cuide e quem despreze o segundo maior ecossistema do país. O governo brasileiro está entre os que maltratam, não tem programas específicos para o bioma. Sorte que ainda há os Riobaldos, os Diadorins, os Joãos, gente anônima que, desprezava as árvores tortas dessa paisagem e, aos poucos, aprendeu a cuidar delas.

Ex-garçom, Ismael de Souza, 25 anos, é um dos que mudou para preservar a região. Não gostava de plantas, hoje vigia, aduba, trata delas. No sexto capítulo da série sobre o Cerrado, o Correio Braziliense mostra o descaso das autoridades com o cenário de Guimarães Rosa e apresenta algumas iniciativas para salvar a vegetação e a bicharada que tanto encantaram o escritor mineiro.

Kleber Lima



BIÓLOGO MARCELO LIMA: DE CEM ANIMAIS CAPTURADOS, APENAS 30 PODERÃO RETORNAR

Fotos: Edilson Rodrigues



PROFESSORA DA UNB, JEANINE FELFILI LUTA PARA RECOMPOR A NATUREZA DESTRUÍDA

Eles não deixam o cerrado morrer

Desde que o Brasil é Brasil, nenhum centavo de dinheiro público foi investido em programas de proteção e recuperação específicos para o cerrado, o segundo maior bioma do país. Ao rico e ainda desconhecido ecossistema típico do Brasil Central sobram as migalhas. Parcos recursos de projetos genéricos de prevenção a incêndio, conservação de parques e reciclagem de lixo urbano. O abandono só não é total porque há os amantes. Gente estudada e gente matuta que aprendeu a enxergar a beleza de um meio ambiente árido e aparentemente feio.

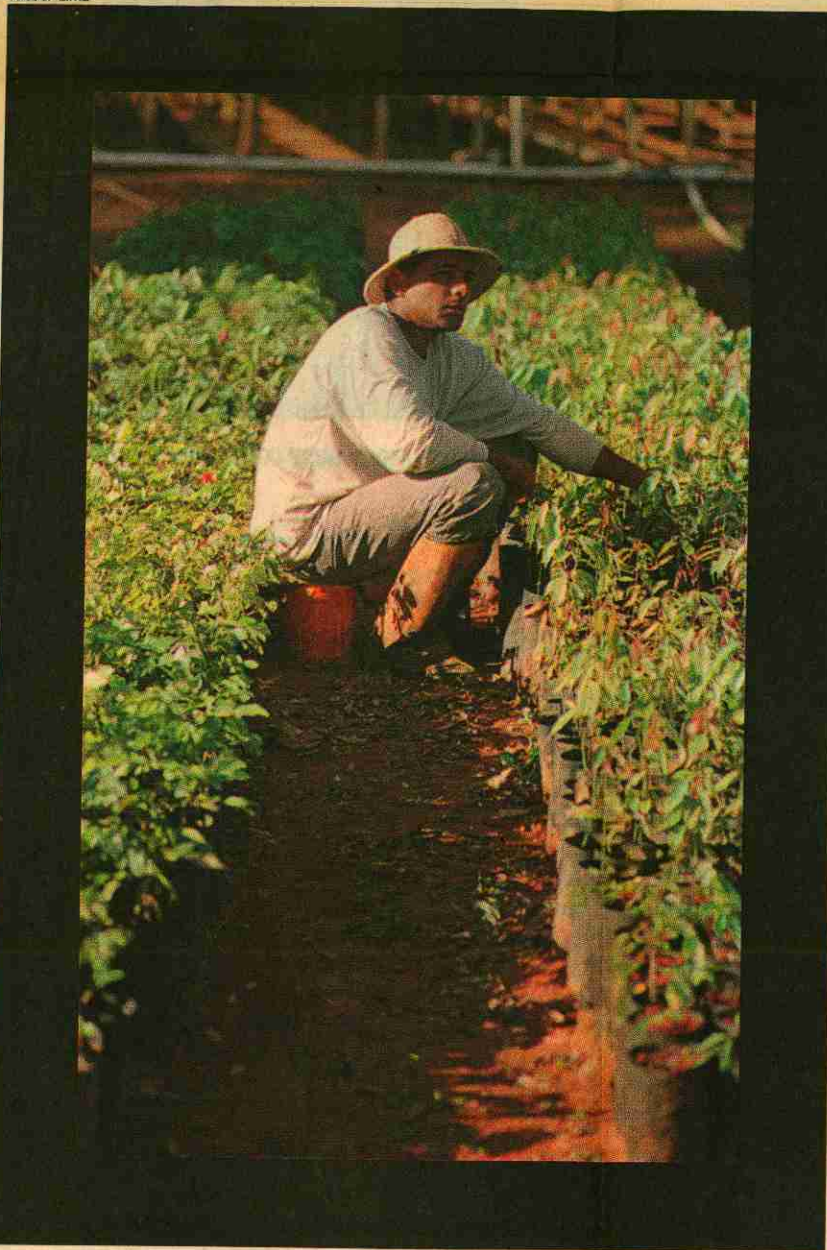
Professora da Universidade de Brasília (UnB), a engenheira florestal Jeanine Maria Felfili convence a vizinhança do Park Way a recuperar a Área de Proteção Ambiental (APA) Gama/Cabeça de Veado. Tanto empenho é para reestabelecer o que o avanço da urbanidade destruiu — o corredor ecológico natural (trilha por onde passavam os bichos) que liga o Parque Nacional de Brasília às reservas do Jardim Botânico, fazendas da UnB e do IBGE.

O esforço inclui retirada de lixo, plantio de árvores e roçada dos capins. Criado há três anos, o projeto de recuperação da APA Gama/Cabeça de Veado envolve duas centenas de pessoas, inclusive moradores do próprio bairro e dos núcleos rurais de Vargem Bonita e do Córrego da Onça. “Se cada brasileiro plantar espécies nativas no quintal, a contribuição para o cerrado estará dada”, acredita Felfili.

A maioria das mudas e sementes usadas no reflorestamento da área vem da fazenda Águas Limpas da UnB. Ali, lugar de labuta do ex-garçom Ismael de Souza, planta-se exemplares do cerrado: copaíba, barbatimão, jatobá e cagaita. Outro defensor da natureza ríspida de árvores tortas, espinhentas é Manoel Cláudio da Silva Júnior.

Também professor da UnB, ele coordena desde o ano passado um projeto com página na internet, a Rede de Sementes, e espalha sementes por todo o país. O site traz informações sobre plantio e cultivo para os samaritanos interessados em recuperar áreas de

Kleber Lima



ISMAEL DE SOUZA CUIDA DE MUDAS NATIVAS E SE PREOCUPA COM DEVASTAÇÃO DO CERRADO

cerrado. O projeto tem parceiros entre prefeitos do interior de Goiás e fazendeiros baianos.

Verbas

A esperança dos defensores da fauna e da flora, que cobre um quarto do território brasileiro, é a elaboração do primeiro Plano Plurianual (PPA) do

governo Lula. Os protetores do cerrado querem incluir uma rubrica específica com verbas para a região que já teve 45% da área devastada. “O cerrado precisa urgentemente de dinheiro. Como a caatinga, é um dos ecossistemas mais ameaçados”, observa o sociólogo Mauro Pires.

Fundador da Rede Cerrado — que

reúne várias organizações não-governamentais, ele espera ver na prática as ações que tanto cobrou no governo Fernando Henrique. Mauro Pires ocupa agora cargo de chefia na Secretaria de Biodiversidade e Floresta do Ministério do Meio Ambiente.

Até agora, no entanto, as ações de preservação são quase quixotescas. Resumem-se a gestos apaixonados de professores, ambientalistas e representantes de organismos estrangeiros. Gente que gasta o tempo livre na tentativa de recuperar veredas, chapadas e córregos. Mas sem recursos, as dificuldades tornam-se ainda mais imensas. A fauna sofre. Projetos de preservação de bichos, muitos em extinção, são raros.

No DF não há ação para aumentar a população dessas espécies ameaçadas de desaparecer. O Zoológico de Brasília, considerado exemplar no trato dos bichos, há uma tímida iniciativa para reintroduzir os animais apreendidos na cidade a seus habitats naturais. O biólogo Marcelo Lima Reis explica que de cada cem animais encontrados no meio urbano, apenas trinta têm chances de retornar à natureza. Desses, só dez sobreviverão.

O descaso pelo cerrado se arrastará por pelo menos mais um ano. No orçamento para 2003, não há destinação de verba federal para a proteção da fauna e da flora. Os bichos e as plantas da Amazônia e do Pantanal são sempre os únicos lembrados pelos homens que decidem sobre o dinheiro público. Nos últimos dois anos, somente esses ecossistemas receberam recursos federais exclusivos, segundo levantamento do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc).

Embora a Amazônia seja sempre a vedete, os recursos para proteger a maior floresta tropical do mundo são poucos. As plantações de soja e pastagens já engoliram 900 mil quilômetros da vegetação nativa. A verba do Ministério do Meio Ambiente só faz minguar. Ano passado, o orçamento era de R\$ 1,104 bilhão. Em 2003, a natureza terá 31,2% menos — R\$ 759,9 milhões.